



ARTIGOS GERAIS

“E renovareis a face da terra”: o dinamismo pneumático da felicidade humana

“And You Will Renew the Face of the Earth”: the Pneumatic Dynamism of Human Happiness

Sérgio Albuquerque Damião *

RESUMO: O presente artigo, por meio de pesquisa de caráter exploratório da literatura e análise qualitativa da bibliografia, busca responder à seguinte pergunta: como compreender o dinamismo pneumático em sua relação com a felicidade humana? Para isso, examina o esquecimento do Espírito Santo e seu reflexo na compreensão da relação constituída entre a teologia e o anseio humano por felicidade. Também analisa o alcance do conceito de felicidade proposto na sociedade contemporânea e suas implicações para o esvaziamento da palavra felicidade. Discorre a respeito da experiência do Espírito Santo como estrutura dinâmica que perfaz o ser feliz humano e, assim, demonstra que, aberto ao dinamismo pneumático, o ser humano é conduzido a uma existência simbólica que, fundada na vida de Jesus de Nazaré, encontra a felicidade na fidelidade à própria vocação pessoal. Dessa maneira, apresenta um ser feliz que, por ser humano, não está recluso a promessas escatológicas, mas é vivido na abertura ao Espírito que, em seu dinamismo, molda a totalidade do viver no agora da história.

PALAVRAS-CHAVES: Espírito Santo. Felicidade. Experiência. Ressonância. Existência simbólica.

ABSTRACT: This paper, through exploratory literature research and qualitative analysis of the bibliography, seeks to answer the following question: how to understand pneumatic dynamism in its relationship with human happiness? To do

* Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

this, examine the forgetfulness of the Holy Spirit and its reflection in the understanding of the relationship between theology and the human desire for happiness. It also analyzes the scope of the concept of happiness proposed in contemporary society and its implications for the emptying of the word happiness. It discusses the experience of the Holy Spirit as a dynamic structure that allows the human being to be happy and, thus, demonstrates that, open to pneumatic dynamism, the human being is to transcend a symbolic existence that, founded on the life of Jesus of Nazareth, finds the happiness in fidelity to one's personal vocation. In this way, he presents a happy being who, for being human, is not confined to eschatological promises, but is vivid in his openness to the Spirit who, in his dynamism, shapes the totality of living in the now of history.

KEYWORDS: Holy Spirit. Happiness. Experience. Resonance. Symbolic Existence.

Introdução

O objetivo deste artigo é investigar a estrutura pneumática relativa à experiência humana da felicidade. Para isto, tratará dos traços teológicos que apoiam a afirmação a respeito da íntima solidariedade encontrada na presença do Espírito Santo na vida humana e a realização de sua felicidade nesta existência. Com isso, intenciona responder à seguinte pergunta: como compreender o dinamismo pneumático em sua relação com a felicidade humana? Importa ressaltar que será considerado pneumático o ato teológico primevo que envolve o agir próprio do Espírito Santo na vida e na historicidade humana. Tal ação pneumática, uma vez captada pelo teólogo e pela teóloga, terá sua expressão, como ato segundo, na elaboração teológica entendida em seu aspecto pneumatológico.

Inevitavelmente, o(a) leitor(a) deve ser posicionado dentro da dificuldade intrínseca à abordagem da temática. De antemão, é obrigatório o reconhecimento da aventura que consiste em toda tentativa de definição e apresentação dos conceitos abordados, uma vez que tanto a felicidade quanto a ação do Espírito Santo, dentro de seus respectivos universos conceituais, estão situadas para além de qualquer tentativa de objetivação *per si*. De tal maneira que, apesar das diferentes apropriações acadêmicas que delas se aproximam, ambas persistem na transgressão dos limites conceituais instituídos, entremeando-se pelas inúmeras paisagens que tangenciam o horizonte da experiência humana e pneumática, incluso este texto.

Claro deve estar que apesar de não ter a pretensão de adentrar no intrincado emaranhado que circunda as tentativas de definições filosóficas e teológicas a respeito do termo experiência, será necessária a apropriação de algumas características implicadas neste conceito e que possuem relevância para o desenvolvimento deste estudo. Ao mesmo tempo é preciso destacar que a abordagem da felicidade será realizada dentro de

um escopo mais amplo, situando-a no horizonte do sentido que abrange a totalidade do viver, sem deter-se sobre os sentimentos que circundam sua expressividade como, por exemplo, a alegria, a euforia ou, por seu reverso, a tristeza ou a depressão.

A despeito da fluidez característica no que diz respeito à compreensão de felicidade e à reflexão sobre a ação do Espírito Santo, a quantidade expressiva de pesquisas desenvolvidas recentemente corrobora a importância do aprofundamento teológico dessas temáticas. Inicialmente, o estudo salientará o esquecimento do Espírito Santo e sua influência na elaboração da desvinculação estabelecida entre a experiência da ação de Deus e a felicidade humana. Tal cenário relegou tanto o ser feliz humano quanto a ação pneumática a papéis secundários no desenvolvimento do pensar teológico, e suas consequências ainda podem ser vislumbradas em diversos âmbitos eclesiais e sociais.

Na procura pela superação deste cenário serão apresentadas algumas características que denotam a configuração do atual conceito de felicidade no interior do contexto sociocultural contemporâneo. Também será abordada uma proposta de significado para o que se entende como felicidade abarcada e situada no interior do dinamismo pneumático que escancara a possibilidade de realização humana no agora da história, e supera o lastro dualista que limitou e desvinculou a ação de Deus da experiência terrena de felicidade. Com isto, busca-se oferecer uma contribuição para a recuperação de uma reflexão pneumatológica que evidencie a atuação criativa e contínua do Espírito Santo na cotidianidade do existir humano, assinalando que sua experiência é determinante para a edificação de uma vivência concreta do ser feliz pessoal.

1 Esquecimento e resgate da reflexão sobre o Espírito Santo

É sabido que para a reflexão teológica atual o esquecimento do Espírito Santo na tradição ocidental é um dado amplamente exposto e discutido entre teólogos e teólogas. Igualmente é fato que ainda não foram vasculhadas todas as implicações de tal esquecimento, tornando-se imperativo o estabelecimento de uma constante atenção para as consequências que esse olvidar acarretam.

Em sua obra a respeito do Espírito Santo, Congar apresenta uma revisão importante sobre o esquecimento da dimensão pneumatológica na reflexão católica. Segundo esse teólogo, em determinados momentos, a referência ao Espírito Santo, quando presente, ocorreu de maneira constante dentro de uma “insistência dominante sobre este como princípio de unidade da Igreja” (Congar, 2005, p. 212).

Por sua vez, Codina também aponta para o esquecimento da pneumatologia e oferece uma inquietante e incômoda reflexão acerca de suas implicações para a práxis cristã:

Prevalência do doutrinal, do moral e ritual sobre o vivencial e experiencial; inflação do jurídico, do institucional e estrutural da Igreja sobre o comunitário, o carismático e místico; perda do simbólico e poético; inflação do magistério eclesiástico com pouco respeito ao *sensus fidelium* do Povo de Deus; centralismo universalista romano diante da legítima autonomia e sinodalidade das Igrejas locais; guerras religiosas, cruzadas, inquisição e antissemitismo; postura apologética e proselitista na missão, imobilismo, arrogância eclesial e fechamento ao mundo secular e a seus avanços modernos; favorecimento de um cristianismo puramente sociológico e cultural; divórcio entre teologia e espiritualidade, com a conseguinte debilitação da fé do povo; distanciamento da Igreja e da fé por parte de grandes setores da sociedade (intelectuais, cientistas políticos, operários, jovens e atualmente as mulheres...). O custo eclesial deste olvido do Espírito tem sido muito sério e merece uma profunda reflexão (Codina, 2012, p. 71).

Outro resultado deste esquecimento, assinalado pelo autor, está atuante no risco de um pneumatomonismo que tem como efeito uma compreensão da espiritualidade e da pastoral eclesial que “deixa na sombra a encarnação do Filho e o compromisso cristão que daí deriva” (Codina, 2012, p. 72.). Destarte os avanços obtidos, a pneumatologia permanece sendo um tratado teológico conduzido, invariavelmente, de maneira funcional e condicionado a determinada perspectiva eclesiológica. Os dados pneumatológicos seguem colocados em referência derivada de campos temáticos da dogmática teológica. De tal forma que a singularidade da ação pneumática vai sendo posta em segundo plano no interior da economia salvífica, enquanto suas implicações para a reflexão e, sobretudo, para a vida eclesial como um todo não são aprofundadas a contento.

Diagnóstico semelhante é sinalizado por Miranda quando indica que uma das causas do impasse instituído entre a sociedade secularizada e o anúncio cristão está na “pouca insistência e valorização da ação do Espírito Santo na vida dos cristãos que constatamos na tradição cristã ocidental” (2023, p. 27). Para o autor: “o discurso magisterial concentrado na pessoa de Jesus Cristo, sobretudo no aspecto doutrinal de sua vida e pregação, deixará em segundo plano a presença atuante do Espírito Santo” (Miranda, 2023, p. 28). Dessa maneira, a atuação do Espírito Santo foi sendo, mesmo sob desconfiança, limitada ao domínio da espiritualidade (Miranda, 2023, p. 27).

Ademais, Miranda também enfatiza a necessidade de reconhecer, partindo do testemunho bíblico, que a atividade do Espírito Santo ocorre de maneira mais ampla do que as limitações discursivas que foram sendo sucessivamente impostas. Nesta perspectiva fica evidenciada a atividade vivificadora e universal do Espírito: “Não só na inspiração do profeta,

mas também na criatividade do artista, no texto do poeta, na descoberta repentina de uma verdade, na ousadia de um compromisso moral, na colaboração solidária em favor da vida” (Miranda, 2023, p. 29). A presença atuante e contínua do Espírito constitui a força de Deus em ação no mundo, sendo necessário um olhar qualificado para que sua presença seja notada não apenas no que diz respeito à humanidade, mas em todo o universo criado (Miranda, 2023, p. 30).

Deve-se ter claro que a criatividade do dinamismo pneumático não consiste num jogar aleatório de dados. Ele está direcionado para uma meta, possui uma orientação última que consiste em conduzir a história humana ao encontro com a vontade de Deus. Tal perspectiva está presente na *Gaudium et Spes* (GS, n. 34):

Para os fiéis é pacífico que a atividade humana individual e coletiva, ou aquele empenho gigantesco no qual os homens se esforçam no decorrer dos séculos para melhorar as suas condições de vida, corresponde à vontade de Deus. Pois o homem, criado à imagem de Deus, considerado em si mesmo, corresponde ao plano de Deus. Com efeito, o homem, criado à imagem de Deus, recebeu a missão de submeter a terra com tudo o que nela existe, de governar o mundo em justiça e santidade e, reconhecendo a Deus como Criador de tudo, orientar para Ele o seu ser e tudo o mais, de maneira que, com a submissão de todas as coisas ao homem, o nome de Deus seja glorificado em toda a terra.

Além do destaque dado à ação humana no mundo, a GS igualmente progride ao introduzir o cotidiano humano como espaço teológico em que atua a presença de Deus (n. 34). Embora sutil, esta progressão estipula um avanço em relação ao pensamento estruturado por uma interpretação dualista da fé, e recupera um dado fundamental da revelação neotestamentária: o Espírito Santo age essencialmente no ordinário da existência (1Cor 14,1-40).

A perspectiva dualista da realidade constitui um dos alicerces que organiza este sensível distanciamento que pode ser encontrado entre a noção soteriológica cristã e a existência humana, em sua perspectiva pneumatológica. Um dos resultados desse distanciamento está no surgimento da comum rivalidade estabelecida entre o sagrado e o profano, que definirá, por sua consistência e limite, os parâmetros da ação ou da suposta ausência do Espírito Santo na vida cotidiana, entendida, neste contexto, como espaço de pecado e condenação.

Ao romper-se com as restrições impostas pelo esquecimento do Espírito Santo – seja este esquecimento intencional ou não – amplia-se o horizonte de sua ação. Não mais restringido aos contextos sacros e espiritualizados, o Espírito é compreendido como presença potente no mundo. Sua atuação surge não apenas como o princípio criador da vida, mas como o próprio dinamismo que movimenta o viver (Pannenberg, 2009, p. 129).

Tais afirmações intencionam assinalar que a abordagem pneumatológica empreendida neste texto parte de uma pretendida hermenêutica teológica da atuação do Espírito Santo no agir humano, sobretudo, naquele agir que sinaliza o “andar segundo o Espírito” (Gl 2,25) e que conduz o ser humano à própria realização.

1.1 Experiência e a busca por palavras que não existem

Neste momento importa dar destaque ao que será entendido como experiência, sinalizando que não é pretensão deste artigo adentrar nos intrincados delineamentos filosóficos e teológicos que permeiam este termo. No entanto, é imprescindível ressaltar os aspectos considerados pertinentes para o desenvolvimento desta pesquisa. Não se trata, aqui, da experiência controlada e metódica que permeia os ditames do atual método científico. Nesta, o receptor se dirige à realidade para modificá-la, conhecê-la ou submetê-la, estipulando padrões e métricas que delimitam o experimento e o experimentado. Assim, o conhecimento advém da repetição contínua dos movimentos funcionais do experimento. Tais movimentos são confirmados até que algum fato diferente desperte novos aspectos e apresente oscilações no seu funcionamento. Novas experiências podem questionar o horizonte de compreensão ordinária, alterando o entendimento a respeito de algum aspecto da realidade e introduzindo novas perspectivas científicas, como é possível perceber nos sucessivos paradigmas da física.

Este estudo entende a experiência como um modo imediato de conhecimento que antecede a atividade discursiva da inteligência e procede da recepção de uma realidade que escapa ao receptor, seja tal realidade de origem interna ou externa (Rahner; Vorgrimler, 1969, p. 183). Trata-se de um saber-sentir anterior ao saber-racional que estrutura uma etapa do saber que se opõe frente às formas de conhecimento em que o receptor atua ativamente, submetendo a realidade através de seus próprios métodos à sua própria compreensão. Desta maneira, compreende-se a experiência como uma etapa simples, intensa e, muitas vezes, mais rica do conhecimento que ainda não está apreendida pela racionalidade teórico-reflexiva. Toma-se consciência de sua imediaticidade, por vezes captada, inicialmente, na dimensão sensível, mas, invariavelmente, repercutida no núcleo da existência humana e, por conseguinte, nas diversas dimensões do viver, englobando, portanto, o ser humano em sua totalidade.

Não obstante seu aspecto precedente relativo à racionalidade, toda experiência percebida é experiência interpretada (Miranda, 1998, p. 168). A imediaticidade da experiência corresponde à imediaticidade da interpretação: experimenta-se enquanto interpreta-se o experimentado, ainda que tal interpretação não seja reflexiva. E, concomitantemente, na medida em que a experiência é interpretada, aprofunda-se ou rejeita-se tal experimento.

Há um dinamismo que move a apreensão da experiência do receptor na medida que ela influi e provoca sua interpretação.

Neste sentido, é fundamental dar ênfase à importância do quadro interpretativo que possibilita ao receptor a percepção, interpretação e, até mesmo, a vivência da experiência. Este quadro é composto pelos “modelos de pensamento, teorias, valores, sentimentos, expectativas, que constituem a linguagem da época” (Miranda, 1998, p. 168). Isto denota a necessária compreensão da historicidade inerente à interpretação da experiência humana, de tal forma que ainda que o objeto interpretado seja o mesmo, tanto a experiência feita com ele, quanto sua expressão, serão sempre historicamente condicionadas e, por isso, passíveis de abrigarem uma expressividade heterogênea.

A influência do quadro interpretativo não fica circunscrita apenas ao contexto macrossocial e não pode conceber-se a partir de expressões definitivas, sob o risco de cair-se em fundamentalismos teóricos. Interpretações de experiências vividas dentro de determinados contextos podem – e, por vezes, devem – ser ressignificadas, corrigidas e transformadas quando novas experiências advindas de diferentes pensamentos e valores se impõem ao receptor da realidade. Se, por um lado, a experiência pode confirmar o quadro interpretativo, por outro, a mesma experiência consegue desarticular os modelos impostos, suscitando mudanças e inferindo diretamente na autocompreensão da realidade.

A própria expressão teológica se destaca como espaço interpretativo de experiências humanas e, também, religiosas. Em sentido estrito, a expressividade teológica nasce da experiência transcendental de Deus que é atestada por sua autorrevelação e comunicada plenamente na finitude categorial das palavras humanas. O teólogo e a teóloga são alguém que realiza a experiência primária do saber-sentir e, posteriormente, por meio do quadro interpretativo, oferecido pela fé cristã – que abarca a Escritura Sagrada, o magistério eclesial e a tradição do povo de Deus, entre outros aspectos – expressa sua experiência através do saber-racional.

Por se tratar de uma expressividade derivada, desde sempre a expressão teológica se debateu na busca por palavras que não existem. Uma procura que ocorre porque seu objeto, por ser transcendente, nunca pode ser totalmente apreendido, separado e nem delimitado fora da limitação que permeia a expressividade da ação divina. Da mesma forma, não há interpretação teológica alheia ao quadro interpretativo histórico e social que lhe fornece os subsídios para a interpretação da experiência realizada. Logo, as expressões teológicas – assim como as expressões religiosas – revelam-se sempre permeadas pelo risco da caducidade histórica e eclesial. Uma expressão pujante e luminosa dentro de um determinado contexto histórico e cultural poderá se revelar vazia e sem sentido em outro.

1.2 O humano como lugar teológico da experiência do Espírito Santo

A ação do Espírito Santo não é uma experiência objetivável. Por ser transcendental, seu dinamismo não pode ser colocado no mesmo plano do agir categorial que é constitutivo do humano. Todavia, é essa atuação transcendente que possibilita o agir categorial sem diminuí-lo ou anulá-lo, mas capacitando-o, como horizonte infinito que lhe alcança. Logo, o Espírito não está refém de determinações religiosas e circunstanciais, bem como como sua experiência não pode estar aprisionada apenas aos intramuros eclesiásticos ou círculos litúrgicos (Mariani, 2015, p. 117). Não é possível reduzir seu agir a acontecimentos extraordinários ou intervenções pontuais na história humana. Da mesma forma, sua atuação não pode ser considerada um momento secundário da redenção efetuada por Jesus Cristo ou, quando muito, um apêndice necessário aos tratados teológicos.

A experiência do Espírito Santo é manifesta sempre e exclusivamente através do ser humano limitado e sujeito ao pecado (Mühlen, 1974, p. 7). Sua apreensão é possível através do reconhecimento dos efeitos que ele mesmo opera, só podendo ser captada nas mediações humanas e históricas. Este cenário ressalta a grande dificuldade inerente à sistematização da experiência pneumática e ateia a todo discurso proferido a respeito de sua ação um caráter pretérito. De tal modo que a apreensão de sua ação depende do quadro interpretativo fornecido pela rica tradição bíblico-cristã, que possibilitará perceber, nomear e expressar tal experiência, mesmo quando alheia ao seu próprio contexto.

Ao constituir uma leitura situada historicamente, ainda estas interpretações estarão sempre sujeitas a correções que germinam e são alimentadas pela própria experiência do Espírito entrevista nas realidades humanas. A ação pneumática configura a autorrevelação de Deus como realidade distinta do mundo e do ser humano. Por ela, o viver humano, reconhecido em sua precariedade e potência, é elevado a espaço teológico fundamental. “O lugar da autorrevelação de Deus como Espírito é o humano e a vida concedida às pessoas para que a modelem” (Böhhke, 2020, p. 36). Porquanto experiência humana da graça divina, a atuação do Espírito não está limitada ao espaço da consciência humana, mas afeta as diversas dimensões do viver, concretizando-se na experiência social que perpassa a existência mundana, ocorrendo, por excelência, no ordinário da vida.

Por outro lado, é imperioso considerar o fato de que a ação do Espírito é interpretada dentro de uma realidade – social e pessoal – marcada pela finitude e pelo pecado humano. Indubitavelmente, neste cenário desdobra-se a problemática que interpela e dificulta a identificação do que podemos denominar como uma experiência do Espírito Santo, solicitando a definição de elementos que ajudem no discernimento acerca daquilo que pode ser chamado de ação pneumática.

Sendo o quadro interpretativo cristão o horizonte em que se encontra experimentada, interpretada e expressa a atuação pneumática, não há dúvidas de que os aspectos que compõem este quadro constituem elementos importantes para o discernimento a respeito da ação do Espírito. Assumindo, todavia, que, muitas vezes, a recepção destes aspectos pode estar pautada em condicionamentos socioculturais que limitam e atrapalham a hermenêutica acerca desta ação. Dessa maneira, para tentar evitar os possíveis enganos que permeiam a expressividade humana e teológica, o elemento fundamental que deve dinamizar o discernimento a respeito da interpretação da experiência do Espírito Santo, tanto na comunidade eclesial quanto no nível pessoal, será a vida de Jesus Cristo. Nela encontramos a “expressão perfeita da experiência da atuação do Espírito” (Miranda, 1998, p. 171). Trata-se de um modo de viver que conduz ao descobrimento do movimento que uma abertura autêntica à experiência pneumática confere à vida humana. Nas palavras, gestos, escolhas e, até mesmo, na morte de Jesus de Nazaré, desvela-se a resposta humana ao agir transcendental do Espírito.

Esta vinculação é tão íntima que comporta a afirmação, sem receios, de que o Espírito Santo é o Espírito de Jesus (Gl 4,6; Fl 1,19). E, ainda que difusamente, somente quando esta identificação é enxergada torna-se possível perceber, na experiência apreendida, o caminho do discernimento correto. Tal perspectiva a respeito da ação pneumática pode ser observada na grande importância que a Igreja primitiva irá atribuir à pneumatologia como “experiência de fé e de vida; de culto e de testemunho” (Santana, 2015, p. 12).

1.3 A diretividade qualitativa da ação humana

Estabelecer, a partir do agir do Espírito Santo, o humano como lugar da autorrevelação de Deus suscita uma perspectiva antropológica que supere o lastro pessimista que tanto marcou a teologia cristã. Como apontado anteriormente, a experiência do Espírito só é captada no interior da historicidade humana. Por tratar-se de uma experiência transcendental, sua captação será sempre mediada pelo mundo criado e entendida através do quadro interpretativo que permite ao ser humano ler a realidade que lhe cerca. Leitura possível porque potencializada e dinamizada pela própria ação do Espírito na vida de todos.

Há, portanto, na humanidade a capacidade de sintonizar, interpretar e expressar a experiência do Espírito. Importa relembrar que o agir do Espírito é percebido *a posteriori*, visto que o vislumbramos por seus efeitos. Portanto, deve-se evitar o risco de transformar o Espírito Santo numa causa eficiente, uma vez que, com esta interpretação, o ser humano estaria confinado numa intransponível passividade existencial (Böhnke, 2020, p. 80). A ação do Espírito não constitui um despertar da atividade humana,

porém, por alcançar o núcleo fundante da existência, insere nesta atividade dinamismos que determinam e conferem sentido a seu processo de humanização, implicando-o em sua totalidade.

Mesmo que não seja possível estabelecer propriamente um conhecimento efetivo da ação de Deus, o ser humano pode ter consciência dela. Isto supõe um quadro interpretativo que permita o reconhecimento deste dinamismo através da diretividade qualitativa da ação. Recuperando o texto citado pela GS (n. 34), ao sintonizar e reconhecer a ação pneumática, o ser humano é levado ao encontro com a vontade soberana de Deus. Logo, a diretividade qualitativa que experimentamos será autenticamente pneumática enquanto sua ação expressiva permanecer em harmonia com o elemento fundamental estabelecido a partir do encontro com a vontade divina revelada na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Isto significa que, no interior da ambiguidade que marca as opções mais fundamentais do existir humano, o elemento cristológico fornece identidade e estabelece a diretividade qualitativa que vincula – ou não – estas mesmas opções à atuação do Espírito Santo. No entanto, este elemento não versa apenas sobre um referencial teórico ou organiza uma expressividade religiosa meramente epidérmica. Tal elemento configura e impregna com seu *ethos* toda expressividade pneumatológica.

A diretividade qualitativa das ações humanas desvela, de maneira sempre diáfana, o elemento cristológico que alicerça a mais autêntica verdade do existir. Uma vez percebida em seus movimentos, a experiência do Espírito Santo enseja a construção de um viver dinamizado pelo aspecto relacional próprio da fé cristã. Sua vinculação ao elemento cristológico funda uma existência que engaja numa luta maior e mais ampla, lançando o ser humano para fora de si mesmo e alertando para o risco do fechamento numa visão mesquinha do viver.

2 Esquecimento e resgate da esperança da felicidade terrena

É manifesto – e sentido – que o desejo de ser feliz transpassa toda e qualquer existência humana, independentemente de seu contexto histórico, social ou religioso. Porém, a sistematização de uma felicidade para todos terá seu principal desenvolvimento no interior da reflexão soteriológica cristã (Bruckner, 2016, p. 37). A dimensão universal da perspectiva salvífica do cristianismo condicionará a percepção do ser feliz humano e transcenderá os condicionamentos impostos por questões geográficas, raciais, de gênero ou religiosas.

Todavia, chama a atenção o fato de que a apropriação iluminista dos discursos e das promessas de felicidade será realizada em marcada oposição às instituições religiosas, sobretudo, ao cristianismo (Bruckner, 2016, p. 37). Não se trata de um acaso fortuito. Durante séculos, uma ótica re-

ligiosa marcada por influências dualistas engendrou na reflexão teológica uma perspectiva prioritariamente negativa acerca do mundo, da vida e do humano. No interior desta ótica, tudo estaria marcado pelo pecado e pelo medo, colocando sob constante desconfiança todas as realidades humanas. Por mais que essa perspectiva eminentemente negativa não tenha sido assumida nos discursos magisteriais, sua consolidação, sobretudo nas práticas devocionais e instâncias estruturais, condicionou o pensamento cristão e fez cair no limbo discursivo da ciência teológica a possibilidade humana de ser feliz no aquém da existência.

Retratada de formas variadas, a existência humana foi sendo interpretada como um vale de lágrimas, um desterro do qual se deve evadir. “Um intervalo de dor entre duas felicidades: uma passada, a outra por vir” (Minois, 2011, p. 84). Um espaço existencial cruel e asfixiante que será permanentemente atravessado pela lembrança da felicidade paradisíaca perdida – fonte de todo sofrimento –, e pela indagação constante a respeito de uma felicidade futura – fonte de toda esperança. A existência é transformada numa travessia sempre permeada pelo assustador horizonte da condenação eterna. No cristianismo, ao contrário de outras tradições religiosas, ainda se acrescenta a este cenário o destacado fato de que o ser humano não possui uma segunda chance de salvação. Será no brevíssimo intervalo da existência humana que será realizada a aposta da eternidade.

A realidade humana, com suas conhecidas ambiguidades, será apreendida como uma “teia de aranha que se estende ou se rasga. Fugaz e frágil, ela não pode se pôr em segurança” (Delumeau, 2003, p. 28). Esse cenário nada consolador introduzirá o cristão numa existência acuada que acorrerá, invariavelmente, numa interpretação temerosa do ser feliz humano. Enxergada, em muitos momentos, como uma perigosa ilusão a felicidade será percebida com desconfiança. As consequências deste pensamento ainda persistem em nossas comunidades eclesiais e inferem diretamente na vivência sacramental, na espiritualidade, na pastoral, no compromisso ético e, fundamentalmente, no próprio anúncio de Deus.

Esta construção teológica estipulará a marginalização e, invariavelmente, o esquecimento da possibilidade de felicidade nesta terra. Em sua força o esquecimento da felicidade também terá seus efeitos estendidos para a sociedade. Neste sentido, o receio do riso, da alegria, do gozo... tão presentes em determinadas prédicas e liturgias cristãs, será um condicionante para as relações sociais.

No início do século XVIII, era comum que pessoas letradas na Grã-Bretanha e na América do Norte enfatizassem a importância de uma “conduta melancólica” diante de um Deus crítico e bastante desprovido de alegria. Certas pessoas chegavam a se desculpar, em cartas ou diários, por momentos de riso, admitindo que deveriam conviver com “gente mais circunspecta” (Stearns, 2022, p. 9).

2.1 Aspectos antropológicos do desejo de ser feliz

Não obstante o cenário aludido, por natureza o ser humano permanece marcado pela inquietude. Reside em sua humanidade um desconforto que desloca insistentemente a existência para um imprevisível mais além. Lançado, ainda que não queira, para algo que não está contido no conjunto porque se situa no excesso do viver, ao ser humano não basta apenas o pão da subsistência diária. Ele ambiciona o vinho da celebração e da alegria. Percebe-se inserido numa dinâmica que apenas revela, por entre as rotineiras cotidianidades de seu desejo, o vislumbre de um horizonte potente de consumação que o convida à autotranscedência.

Por vezes, experimenta-se tocado por este horizonte e, num lapso de realização, é impulsionado a redefinir a própria existência a partir de seu excesso (Gesché, 2005, p. 11). Outras vezes, tal experiência permanece alocada no dinamismo próprio do porvir que pertence à esperança e que confere impulso e sentido à travessia. De qualquer forma, por entre o incerto tracejar destas idas e vindas, consegue distinguir, mesmo que aprioristicamente, aquilo que, comumente, chama de felicidade.

Neste tracejo o ser humano consente, ainda em resistência, que não se contenta com as determinações conceituais que emergem dos contextos socioculturais, religiosos, circunstanciais etc. Tudo isso são os arredores que lhe oferecem, às apalpadelas, possíveis formas de possíveis interpretações acerca de um possível ser feliz. Ajudam, indicam caminhos, todavia esbarram nos limites de seus próprios contextos, conceitos e definições.

Reconhecendo que a felicidade é um anseio universal, o papa Paulo VI, na Exortação Apostólica *Gaudete in Domino* (n. 5), chega a afirmar que este apelo natural que impulsiona o ser humano para a felicidade precisa ser pressentido como presença do mistério divino. Neste sentido é necessário também assumir que as determinações conceituais aludidas transitam por esta universalidade. Porém, por mais requintada que uma definição de felicidade possa parecer, deve-se sempre considerar seu caráter restrito e contextual. As diversas tentativas empreendidas, sobretudo na atual sociedade, na demarcação de um significado abrangente para a felicidade, sempre esbarraram no fato de que o desejo de ser feliz se cristaliza nas individualidades com suas infinitas particularidades, e apenas no interior dessas assume um perfil singular e concreto.

Por consistir em anseio fundante de todo existir humano, a felicidade permanece, por excelência, uma experiência pessoal e única (Marías, 1989, p. 18). Ela reside, de maneira arrebatadora, nesse alguém que, surpreendentemente, “sou eu”. Sua dimensão pessoal é reafirmada na medida que sua presença é percebida ao transitar pelo núcleo cardeal de toda existência, conferindo um caráter único e insubstituível a qualquer vida humana. O anseio de ser feliz atinge diretamente o âmago daquilo que define o ser humano em seu

desejo de plenitude. E até quando não está expresso, tal anseio permanece na aspiração que entremeia e impele a busca pessoal pela própria realização.

2.2 A ruptura iluminista e o esvaziamento semântico da felicidade

Gestada no seio do renascentismo, a ideia de uma felicidade terrena será plenamente assumida e fortalecida pelos ideais iluministas. Paulatinamente, a possibilidade de ser feliz deixará de ser considerada uma “quimera metafísica, uma improvável esperança a ser buscada por intermédio dos arcanos complexos da salvação” (Bruckner, 2016, p. 40), se transformando na grande promessa da Modernidade. O Iluminismo instaurará uma drástica ruptura com o pensamento religioso de outrora, entendido, muitas vezes, como simples superstição, e estabelecerá a crença de que “a humanidade é a única responsável pelos males que ela própria se inflige e que só ela pode melhorá-los ou corrigi-los sem recorrer ao Grande Relojoeiro ou a uma Igreja que regulamenta a partir do Além” (Bruckner, 2016, p. 41).

Tal mentalidade não estará reclusa aos ambientes intelectuais. Os argumentos teóricos propostos pelos autores iluministas também reverberarão no comportamento geral da população, provocando mudanças comportamentais significativas. De acordo com Stearns (2022, p. 156),

sorrir passou a estar na moda. As pessoas eram cada vez mais incentivadas a ser alegres e a ter expectativas de que quem as cercava também estivesse alegre. Uma “revolução alegre” foi indiscutivelmente tão importante quanto os conceitos inéditos de felicidade, pois criou novos padrões para um comportamento emocional aceitável.

Em linhas gerais, o Iluminismo introduzirá a certeza de que não é preciso aguardar temerosamente pela felicidade num além distante, com todas as inquietudes provenientes deste pensamento. O ser humano é convocado a experimentar a felicidade como uma realidade plausível nesta existência, desde que inserido numa vida regida pela razão e pela técnica. Esta plausibilidade do ser feliz irá gerar novos hábitos e tendências como, por exemplo, os Jardins de Lazer, que tentarão replicar nesta vida os prazeres do Jardim do Éden (Macmahon, 2006, p. 212). Outro sinal desta mudança poderá ser encontrado nos novos significados conferidos aos festejos sociais, como a celebração do ano novo, que passará a estar marcada pela expectativa da felicidade que estaria por surgir (Stearns, 2022, p. 167). Evidentemente estas mudanças suscitarão resistências: grupos religiosos denunciarão as novas tendências de comportamento como pecaminosas e perigosas para a salvação. Outros, defensores de pretensos valores clássicos, acusarão as recentes métricas de felicidade como superficiais (Stearns, 2022, p. 156).

Os avanços instituídos pelo Iluminismo a respeito do ser feliz serão praticamente irrefreáveis. Não se consegue mais conceber uma existência

contemporânea que não esteja marcada insistentemente pelo ansioso desejo de satisfação deste anelo. Por sua vez, não há dúvidas de que a sociedade contemporânea transformou a felicidade numa instância onipresente. Expropriada de significados relevantes e apropriada pelo discurso mercadológico neoliberal, a felicidade desponta como um dos “termos mais desfigurados na cultura ocidental contemporânea, da literatura às conversas corriqueiras, das mídias aos discursos oficiais” (Minois, 2011, p. 1). Convertida em mais um produto a ser oferecido, a promessa de satisfação do desejo de ser feliz alimenta uma indústria de crescimento exponencial que alcança as diversas esferas da vida moderna. Sua onipresença pode ser vislumbrada na cansativa infinidade de produtos que oferecem, com uma grande dose de cinismo, os atalhos, sempre diminutos, instantâneos e efêmeros, para um pretenso eldorado da felicidade. O termo recebe um contínuo esvaziamento semântico, inserindo o sujeito contemporâneo numa cansativa e desesperada busca pela felicidade, porém entregando-lhe uma perigosa, contraditória e frustrante experiência de infelicidade¹.

O atual quadro interpretativo retirou da felicidade sua saborosa vitalidade transformadora, banalizando-a ao convertê-la em mais uma sensação ao lado de tantas outras. Esvaziado de seu significado semântico mais denso, o ser feliz passou a ser imposto pelos ditames do mercado econômico revelando-se como um fardo a ser carregado. Nestes ditames encontraremos uma felicidade colocada a serviço do consumo ansioso, da produtividade incessante e pautada numa perigosa e sufocante positividade condicionada pela ditadura de uma obsessiva estética corporal (Damião, 2022, p. 76).

O desejo de ser feliz não é uma prerrogativa das sociedades modernas ou pós-modernas. O anseio por uma terra sem males sempre esteve presente nas sociedades ao longo dos séculos e foi, de diferentes maneiras, expresso independentemente de seu contexto histórico ou social (Freire, 2010, p. 215). Esta aspiração é parte estruturante da experiência do ser feliz humano e constitui a instância de discernimento diante dos modelos impostos pelo atual quadro interpretativo porque alcança e funda o sentido existencial do ser feliz. Será neste sentido existencial que repousa a dimensão mais crítica e profunda da estrutura pneumática da felicidade humana.

3 Dinamismo pneumático da felicidade humana na terra

Neste ponto, adentra-se na questão que alavanca a pergunta fundamental desta investigação: como compreender o dinamismo pneumático em sua relação com a felicidade humana? Uma vez posto que tanto a felicidade quanto a ação do Espírito Santo emergem como experiências

¹ Esta temática foi desenvolvida em Damião, 2022.

que antecedem a tematização e permanecem escorregadias diante da atividade reflexiva, é preciso reconhecer que ambas se insurgem contra as tentativas de objetivação e delimitação teórica. Tais realidades, em suas singularidades conceituais, transitam pela pergunta acerca da totalidade do ser e repousam, simultaneamente irônicas, no horizonte infinito para o qual o ser humano tende. As similitudes permanecem no honesto desconforto que insiste em alcançar àqueles que se arriscam pelas veredas teóricas e práticas de conceitos tão rebeldes e autônomos.

Convenciona ainda realçar que, a despeito do esquecimento da felicidade apontado anteriormente, as questões relativas ao ser feliz humano continuaram orbitando a reflexão teológica, ainda que indiretamente. Talvez esta afirmação esteja pautada por uma pequena inocência, mas um pouco de esperança é imprescindível a todo texto teológico. Afinal, apesar do esquecimento sistemático da temática, é verossímil pressentir esta presença indireta da felicidade nas diversas dimensões que compõem o temário teológico: no anúncio da salvação como dom gratuito e sua proposta de plenitude; na esperança dos pobres e no engajamento que tantas pessoas empreendem, em nome da fé, na luta contra as injustiças sociais; na religiosidade popular... E mesmo que os discursos condenatórios tenham ganho maior destaque, a felicidade subsistiu e sobreviveu, ao fundo, como desejo e como questão teológica relevante.

Desabafado o coração, importa fazer notar que o ser humano é ser direcionado para o infinito (Miranda, 2004, p. 47). Não apenas de maneira accidental e esporádica, mas estruturalmente orientado. Estrutura que não depende do quadro interpretativo, do contexto social ou do ambiente cultural e que por estar situada sob a égide do infinito: inquieta, molda, transforma. Desinstala. O ser humano é alguém que pergunta sob a totalidade do ser (Gesché, 2005, p. 81). Perguntas que raramente, por mais que as perscrute, oferecem respostas a contento. Por isso, agita-se ao captar, apenas de entrevisto, pelas tramas do próprio viver, o vislumbre permitido que desnuda a potência de realização na qual repousam os por quês e para quês que interpelam toda existência e, ao mesmo tempo, revela a inerente inquietude que desloca a imanência humana para a possibilidade do horizonte vislumbrado que não se permite ser domesticado.

Por entre tais inquietações, depara com a possibilidade da autocomunicação pneumática. Livremente voltado para o humano e para o cosmos criado, o Espírito Santo manifesta-se como fonte de vida, excesso e realização da plenitude do ser (Codina, 2010, p. 77). Apresenta-se como início imprevisível que assume à sua maneira e sem confusão a finitude da criação para desvelar-se criativamente na encarnação da sede que rasga toda criatura. A partir desta autocomunicação pneumática, a humanidade será interpelada por sua realidade cristológica e deve, por meio de um acolhimento dialogal, responder ao dom ofertado gratui-

tamente por Deus e revelado na vida do Profeta de Nazaré (Congar, 2005, p. 145).

Tal autocomunicação não precisa ser considerada um acréscimo posterior à história da salvação-criação. No interior do pensamento cristão, apenas neste encontro desfralda-se a realidade última para a qual o gênero humano foi criado. Se na humanidade de Cristo, totalmente voltada para o Espírito e, portanto, para os outros, o humano descobre a identidade mais radical de sua vocação (GS, n. 22); na experiência do Espírito Santo, redescobre o excesso como possibilidade de sua finitude, reinterpretando-se como humano e percebendo-se possuidor e construtor de sentido. Emerge, assim, a premissa humano-divina de uma vida bem-aventurada. Criado à imagem e semelhança de Deus, o gênero humano descobrirá que seu inquieto anseio por plenitude terá na sintonização com a autocomunicação pneumática, revelada no Verbo Humanado e na vida que ele carrega, sua fonte de hermenêutica da vida e, portanto, da felicidade.

3.1 Felicidade como ressonância do viver

Colocado o cenário, cabe a indagação: como, então, apreender ou reconhecer a experiência da felicidade? Esta pergunta suscitou acalorados debates e resultou em séculos de respostas oferecidas nos mais variados contextos acadêmicos, religiosos e culturais. Não compete discorrer sobre os desdobramentos históricos do entendimento acerca dos significados do ser feliz humano. Outras obras já empreenderam esta aventura. No entanto, respeitando o ambiente teológico no qual está inserido, este artigo busca oferecer uma aproximação daquilo que arriscamos apontar como uma experiência humana de felicidade que brota do dinamismo pneumático.

Neste estudo, a felicidade está compreendida como a ressonância do viver. Com o termo ressonância se quer assinalar a apreensão de um ser feliz que se faz presente quando experiências realizadas ressoam na verdade pessoal mais íntima, acrescentando densidade e sentido à existência. Ou seja, a felicidade constitui este algo que repercute numa humanidade que se esgarça e, dessa forma, redescobre-se na ampliação dos próprios horizontes. O ser feliz, portanto, ecoa, retine, silencia e se instala no que existe de mais humano. Logo, a felicidade não pode ser confundida com a agitação ruidosa e cansativa à qual se estar submetido na atual configuração social. A isso se pode chamar de desespero. A ressonância que implica felicidade pede tempo, escuta, sopro e pausa.

A respeito do viver humano, indo além das demarcações biológicas, se admite que ele possui uma pluralidade de dimensões caracterizadas por suas particularidades que se entrecruzam. À guisa de exemplo, pode-se citar as dimensões sociais, culturais, familiares, psíquicas, espirituais etc. Ainda que tais dimensões sejam particularizadas, o ato de viver permanece

sendo uma operação unitária e integral (Marías, 1989, p. 34). Assim, mesmo que várias atividades sejam realizadas ao mesmo tempo, como escrever um texto enquanto acessa o *WhatsApp* para conversar sobre amenidades, no fundo, o que ocorre, de verdade, é o viver. Será neste viver unitário, integral e simultaneamente plural que está situada a pertença da felicidade.

O ser feliz é esquadrinhado nas costuras que estruturam o viver humano e assim subsiste na procura constante por aquilo que ecoa na verdade pessoal mais íntima. Emerge por entre a vivência da própria vocação sacerdotal, no meio dos desafios que constituem o árduo labor que significa a construção de uma família, derrama-se na súplica silenciosa perante o altar vazio de símbolos e repleto de significados...

Importa novamente enfatizar que a felicidade não constitui um experimento puro, direto e objetivo. Ser feliz não é uma atividade quantificável. Estamos perante uma experiência que transita pelas entrelinhas de nossa existência e irrompe por entre as escolhas realizadas e as relações constituídas. Não deve, portanto, causar espanto a insuficiência das tentativas modernas de quantificação do ser feliz, tanto em nível individual quanto coletivo. Tais tentativas apenas denunciam o esvaziamento semântico instituído pela lógica econômica à qual o termo felicidade está submetido (Freire, 2010, p. 19).

A felicidade, como experiência indireta, desvela-se como uma realidade eminentemente relacional (Damião, 2022, p. 181). Ela irrompe quando, através das relações estabelecidas, o ser humano é chamado a trabalhar na criação da própria vida e, do mesmo modo, da própria identidade. Ser feliz exige a coragem de viver o risco instituído por uma postura de constante descoberta de si perante uma abertura desconcertante ao outro. E quanto mais mergulhado nesta descoberta, mais capaz o ser humano será de perceber os espaços de humanidades que geram ressonância e, por consequência, rompem, paulatinamente, as correntes que o alienam de sua própria vocação. Este movimento não consiste simplesmente numa compreensão intelectual ou afetiva da ressonância do viver, mas incide como experiência que reflete na existência, sendo elemento fundamental e constitutivo da identidade pessoal e influenciando diretamente na construção de uma história única que se dilata para a vivência de uma felicidade singular.

Ora, conforme assinalado, a felicidade compreendida como ressonância do viver acontece quando algo repercute na própria verdade pessoal. Uma ressonância que repousa na percepção da densidade que preenche o existir e que, diante dos mais diversos cenários, o ser humano, ao assentir, é levado a afirmar: “sim! Este algo, este gesto, esta luta, esta aula, esta fé... Isto ressoa em minha realidade e instala marcas em meu viver”. A ressonância é a descoberta do tesouro escondido que leva a abandonar o que

não importa (Mt 13,44-52), e pode se fazer presente até mesmo quando a situação encontrada seja dolorosa.

A felicidade, portanto, implica, necessariamente, uma maneira de viver e de olhar o mundo que não conduz à negação constrangedora de si, mas que reconhece e valoriza a riqueza que habita em cada um (Damião, 2022, p. 189). Este reconhecimento só é possível quando são superadas as prisões impostas pela lógica do consumo, da produtividade a qualquer preço, do individualismo que fragiliza, da experiência meramente superficial e aparente da existência. Uma vez sobrepujado este quadro interpretativo, a humanidade abre-se para captar, com mais sensibilidade, a ressonância vislumbrada na beleza da gratuidade sacramental da vida, no valor inestimável dos encontros verdadeiros, na sabedoria que brota na simplicidade das experiências mais humanas. Evidencia-se uma existência que encontra na vivência do amor consigo, do perdão das próprias falhas e da partilha de seus próprios dons com o seu semelhante verdadeiros espaços de ressonância.

3.2 Existência simbólica: expressividade do eu-real

Impulsionado pelo agir pneumático, o ser humano se redescobre na fidelidade à própria vocação. A ação do Espírito não aliena a humanidade de sua liberdade e identidade, ao contrário: as confirma e robustece. Seu agir desdobra-se numa espiral que revela a síntese da identidade humana mais autêntica, que nasce como vida qualitativamente direcionada. A existência é convertida em símbolo que realiza e expressa, mesmo que imprecisamente, o mistério da própria verdade pessoal.

Mesmo que este artigo não tenha a intenção de adentrar em todas as questões relativas ao significado do conceito “símbolo”, todavia, por sua importância, será preciso destacar o que se quer dizer com este termo. Símbolo consiste na representação mais elevada e originária no qual uma realidade se faz presente a outra, primeiro para si e só depois para o outro (Rahner, 1961, p. 288). Trata-se de uma ação performativa, que não só revela a realidade, mas a provoca. No simbólico transparece, assim, o reflexo tanto da essência da realidade – enquanto expressão de si – bem como de sua dimensão relacional – enquanto apreensão do outro.

O ser-simbólico é constitutivo do humano, que não se conhece fora da sua expressividade. Na medida em que sai de si para expressar-se, torna-se uma realidade apreensível pelo outro e, ao mesmo tempo, cognoscível para si mesmo dentro da própria pluralidade de dimensões. O símbolo é, assim, a realidade na qual um outro vem ao conhecimento da realidade que se manifesta e, ao manifestar-se, autorrealiza-se tanto em sua alteridade intrínseca como em sua pluralidade, por meio de uma expressividade que provém e coincide com sua própria verdade (Rahner, 1962, p. 295).

Por outro lado, ainda que o símbolo leve ao conhecimento do ser, por si e pelo outro, esse não instaura um conhecimento absoluto, mantendo-se o sentido original da palavra (Rahner, 1962, p. 295).

Uma existência simbólica consiste precisamente na possibilidade concedida ao ser humano de dizer, por meio de seu viver, a própria verdade pessoal. Trata-se de uma vivência que incide diretamente na autocompreensão individual e reverbera de maneira decisiva na experiência da própria felicidade. O ser feliz humano não se realiza fora da própria realidade (Codina, 2010, p. 81). Ao contrário, o ser humano percebe-se feliz ao experienciar aquilo que ressoa em sua verdade mais singular. Fora do quadro interpretativo imposto pelo atual contexto sociocultural, a existência simbólica, por ter ressonância na expressividade do viver, estende um vasto horizonte preñado de autorrealização e significado.

A princípio, não existem problemas em afirmar que a vida cristã é, por excelência, simbólica (Miranda, 2004, p. 239). Tal simbolismo ocorre na medida que o viver cristão apresenta-se em consonância a seu elemento primordial, Jesus Cristo, e constitui a resposta humana ao agir do Espírito. No entanto, atrelar a felicidade à construção desse modelo de existência estabelece que esta dimensão simbólica não significa uma vinculação extrínseca ao Cristo. Esse cenário poderia dar margem para uma vida compreendida como o mero cumprimento de normas estabelecidas por algum quadro interpretativo dominante. Se assim fosse, haveria o risco de novamente não levar em conta a profunda liberdade criativa que permeia a ação pneumática, proclamando um ser feliz continuamente devedor de regras e conceitos que, por mais belos e sublimes que pareçam, inúmeras vezes não repercutem mais no existir humano.

Neste ínterim, a experiência do Espírito estabelece a construção de uma existência que, respeitando a singularidade – dado subjetivo – de cada experiência, conduz o ser humano ao acolhimento amoroso do senhorio de Jesus – dado objetivo –, no interior de sua própria realidade pessoal, eclesial e sociocultural. Apesar da importância do quadro interpretativo, a autocomunicação pneumática não está submetida a suas limitações. A experiência do Espírito, assim como sua interpretação e, principalmente, sua vivência, apesar de feitas no interior das ambiguidades da condição humana, pode ser traduzida e vivida para além das demarcações socioculturais (Codina, 2010, p. 15).

Mesmo que pareça estranha ao seu contexto histórico e eclesiológico, uma existência será simbólica enquanto mantiver fidelidade ao elemento cristológico inerente à experiência do Espírito, perseverando fiel à verdade da expressividade pessoal. À guisa de exemplos, é possível encontrar na vida de tantas santas e tantos santos – conhecidos e anônimos – tal fidelidade. Mesmo quando tudo era fonte de desconfianças e julgamentos, até

mesmo no interior da Igreja, estas e estes permaneceram fiéis à experiência do Espírito Santo que vivenciaram, como demonstram as biografias de Santa Dulce dos Pobres, Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Assis, Dom Hélder Câmara, Santa Clara, Dom Pedro Casaldáliga, entre outros e outras. Muitas vezes, o que estava em jogo não versava somente a respeito da ruptura do quadro interpretativo, mas era a expressividade simbólica da própria verdade e, portanto, da própria felicidade.

A perspectiva cristã acerca do viver humano, com todas as suas alegrias, contradições e tristezas, traz à tona a desconcertante afirmação de que será no espaço singular onde habita a criaturalidade mais crua que será vislumbrado o lugar fundamental para a realização da experiência do Espírito Santo. Portanto, esta experiência não pode ser tomada por discursos espiritualistas e desencarnados acerca da ação de Deus ou da salvação humana. Estar-se diante de um experimentar que cruza a humanidade, alcançando seu núcleo e atraindo à superfície aquilo que tem de mais humano – e, respectivamente, mais divino – conduzindo-a ao âmago de sua realização. A negação deste núcleo desfigura a experiência pneumática e fragmenta a identidade mais profunda da humanidade, recaindo, outra vez, na ótica dualista que tanto influi de maneira nociva a prédica cristã.

É imperativo recuperar a novidade que nasce da abertura confiante ao agir do Espírito Santo. Uma etapa importante desta recuperação consiste na abertura do olhar para perceber, como salientado, que o Espírito é a força de Deus em ação no mundo, preenchendo todo o universo com seu dinamismo criativo. Evidente que, para a revelação cristã, não se trata de uma ação que se confunde com o categorial, conforme os tradicionais modelos panteístas. O Espírito opera como dinamismo criativo que traz consigo e anuncia a potência de consumação que se inicia (Pannenberg, 2009, p. 156). Ocorre que, por ser um dinamismo transcendente, é necessário qualificar o olhar para captá-lo na sacramentalidade inerente à criação, o que enseja ao viver humano uma atitude de constante maravilhamento consciente e agradecido diante do dom ofertado que se manifesta no cosmos e na vida. Concomitante a isto, o olhar qualificado impede o encerramento da atuação pneumática em quadros interpretativos tacanhos, que mais demonstram inseguranças pessoais e preconceitos estruturais.

Na humanidade, este dinamismo criativo do Espírito está voltado para sua potência de consumação. Como um ser *Capax Dei*, o ser humano experimenta os efeitos da ação pneumática, interpretando-a e expressando-a. Contudo, esta peculiaridade da capacidade de interpretação e expressão advém sempre de maneira pretérita, visto que será através da diretividade que qualifica a ação que conseguirá discernir os frutos deste dinamismo. Tal diretividade do agir humano não é somente uma classificação derivada do ambiente, mas institui forma, expressividade e identidade à experiência pneumática realizada. A diretividade assume os elementos plurais que

constituem a pessoa humana, qualificando-os e integrando-os, de forma sempre singular, na particularidade de sua vida. Abre-se, assim, a possibilidade de uma existência que, sintonizada ao Espírito, faz referência, ainda que limitada, à pessoa de Jesus Cristo, independente do contexto em que está inserida.

Dessa forma, a existência simbólica consiste na edificação do eu-real que constrói o ser-pessoa no mundo e exprime a própria identidade, sempre em consonância com o elemento cristológico que lhe sustenta. Com o termo pessoa, busca-se indicar todo “ser humano em sua integridade anímico-corporal, tal como ela se manifesta a cada momento presente de sua existência” (Pannenberg, 2009, p. 289). Reconhecendo que não se tem pleno acesso ao eu-real, este manifesta-se por vislumbre na cartografia acidentada da biografia pessoal, ainda que jamais de modo conclusivo. Dessa maneira, através da existência simbólica, é comunicada, ainda que de maneira incipiente e insuficiente, a própria realidade pessoal. Deve-se acrescentar que esta comunicação também atua velando a interioridade da pessoa e defendendo a sua intimidade.

O ser humano é colocado no interior de um dinamismo existencial que, por uma parte, manifesta a própria identidade – ao mesmo tempo para os outros e para si –, enquanto, por outra, resguarda e conserva dimensões importantes do mistério pessoal. Por ser simbólico, este dinamismo estará perenemente marcado pela opacidade que caracteriza as mediações expressivas e, por isso, necessitará estar continuamente aberto a correções e novos modos de se exprimir.

3.3 Uma felicidade *kenótica*

A existência simbólica, que brota do dinamismo do Espírito Santo, pertence, portanto, à experiência do ser humano, que se autopercebe como ser orientado para o infinito que lhe perpassa. Um infinito captado no aquém da finitude, mas que, para a fé cristã, revela a determinação constitutiva para a comunhão com Deus. Motivado por esta determinação constitutiva, traceja-se os tímidos rabiscos de uma biografia que entrevê, no agir pneumático, uma realidade que se *des-cobre* e, assim, guia ao eu-real, revelando os aspectos mais singulares do ser pessoal. Trata-se de realidade que se esmaece, mantendo a pessoa na inquietude e na insegurança de sua plena humanidade.

A percepção do eu-real ocorre através da ressonância do viver experimentada através da diretividade qualitativa presente no interior da ação humana. Neste ponto, a ressonância do viver confirma a diretividade da ação, trazendo consigo a expressividade simbólica que revela, para si e para os outros, a verdade pessoal. Aqui, no átimo em que a ação se entrelaça ao eu-real, aflora, em vislumbre, o mistério da vocação pessoal

mais fundamental, sobrevivendo, dessa forma, os alicerces que perfazem o ser feliz humano.

Nesta linha, convém mencionar que a existência simbólica não estabelece uma busca desesperada pela felicidade, como nos modelos propostos pelo atual quadro interpretativo social (Damião, 2022, p. 77). Suplantando o lastro dualista, a existência simbólica recupera o olhar agradecido diante de uma vida experimentada como dom ofertado, sustentado e dinamizado pela ação amorosa e criativa do Espírito Santo. Estabelece uma perspectiva que integra todas as dimensões do viver e encontra, nessa integração, ressonância nas vivências que tornam o existir humano mais vívido: amor, confiança, amizade, solidariedade, justiça, dignidade paz, beleza, sentido, liberdade...

Assumindo os riscos desta afirmação, a experiência pneumática oferece e conduz a uma felicidade real, vista que é profundamente humana. Humana ao entrever-se nas relações que constrói. Humana ao reverberar nos encontros que edifica. Humana ao qualificar o ser com o mundo. De tal modo que, na mais íntima humanidade, o ser humano se percebe capaz de redescobrir, por graça pneumática, a presença divina em seu viver (Boff, 1986, p. 272).

Ao sintonizar com a experiência do Espírito, o ser humano percebe-se capacitado para fazer vibrar sua vida e sua humanidade em ressonâncias cada vez maiores, estabelecendo novas escalas e outras melodias. Na sensibilidade a este ressoar, aumenta a amplitude dos quadros interpretativos e, por consequência, do próprio olhar qualificado, dilatando a apreensão do que seja felicidade e percebendo, paradoxalmente, que ama demais a vida para desejar apenas ser feliz (Bruckner, 2016 p. 18). Quer mais. Seduzido pelo excesso de uma felicidade que não se esgota nas fórmulas prontas que insistem em impor, o ser humano deseja um ser feliz que se funda na esperança que permeia toda rebeldia da fé e, assim, rejeita as resignações alienantes. Uma felicidade contracultural por insistir em não se adequar aos muros impostos por padrões econômicos que arrastam para o individualismo e para o sem-sentido que provém de uma vida direcionada para o consumo (Cabanas; Illouz, 2019, p. 85).

A felicidade, fruto da experiência do Espírito, vai além da euforia ansiosa, da alienação ou da fuga de si mesmo. Ela assenta-se na experiência da própria dignidade. Resiste na capacidade de construir e reconstruir o próprio existir e, nessa dinâmica, acolhe o dinamismo pneumático e os seus apelos à humanidade. Habita, portanto, as entrelinhas da vida e manifesta-se tanto nas vivências mais corriqueiras quanto nos momentos mais dramáticos do existir.

O ser feliz, quando situado no interior de uma existência simbólica, encontra seu sentido pleno quando se transforma numa maneira de vi-

ver em que o ser para e com os outros, longe de constituir uma fonte de alienação, conduz um ser humano de peito aberto pelos delicados e arriscados caminhos do amor gratuito, do perdão e do engajamento na complicada tarefa de contribuir na construção de uma sociedade mais justa. Este dinamismo é próprio da ação do Espírito e, da mesma forma que impulsionou a vida de Jesus (Lc 4,18-19), também impulsionará a humanidade, compondo o alicerce de qualquer processo de construção de um modo de viver mais autêntico (Jo 13,1-17).

Inscrito no coração humano, o direcionamento constante para um mais além o impulsiona para evadir de horizontes egoístas e apequenados. Quanto mais entregue à dinâmica pneumática, mais próximo da própria realização. Isso significa que a autenticidade simbólica da existência se concretiza quando a vida consegue se transformar em livre partilha daquilo que se vive, daquilo que se sente, daquilo que se sabe e daquilo que se possui (Mancini, 1999, p. 32). Na medida em que vai mais além de si, o humano se redescobre e reconstrói na divina capacidade de ofertar-se como dom na relação concreta com seus semelhantes. É na experiência de amar e deixar-se amar pelos outros que descobre sua verdadeira profundidade e o próprio mistério (Boff, 1986, p. 272).

O dinamismo do Espírito, por lançar o humano para fora de si mesmo, exige a escuta do grito que ecoa das aspirações, esperanças e dores daqueles que povoam os recantos marginais do viver. Um imperativo que demanda o reconhecimento de que, por sua dimensão pneumática, a felicidade pode – e será – muitas vezes um experimento amargo que nasce de uma existência capaz de mergulhar no realismo do cotidiano e encarar os seus paradoxos absurdos. Fundada no elemento cristológico que lhe confere sentido e identidade, encontra-se, em resistência resoluta, uma felicidade que exigirá o esvaziamento de si e que poderá chegar, como loucura, ao ser feliz que nasce até mesmo na entrega da própria vida (Jo 15,13).

Há um movimento *kenótico* que confere à felicidade humana seu aspecto mais desconfortável e, ao mesmo tempo, mais sublime. Trata-se da experiência que lança a humanidade na vastidão de uma existência orientada pela prática do amor concreto que desmascara as falsas e frágeis seguranças. Um ser feliz que não permanece recluso em si, mas que se dilata para edificar como espaço teologal a solidariedade, a alegria e o serviço concreto nos encontros que restauram a dignidade de tantos outros e outras (Damião, 2022, p. 197).

Todo este dinamismo, entretanto, constitui sempre uma etapa segunda desta experiência, uma vez que se localiza na expressividade simbólica do viver. Anterior a isso, como seu fundamento e princípio, está a revelação cristã que apresenta uma felicidade que provém, em última instância, de um Deus que é amor (1Jo 4,16), sendo a ação do

Espírito Santo experimentada como o amor de Deus derramado nos corações (Rm 5,5). No núcleo desta dinâmica, o ser feliz humano se concretizará na realização desse amor em si mesmo (1Cor 12,31), que dispõe, em primeiro plano, ainda que de maneira singular, o saber-se escandalosamente amado (Jo 3,16), não mais como servos e servas, mas como filhos e filhas (Rm 8,15). E, posteriormente, estrutura, como critério decisivo, a práxis que, caracterizada como pneumática, exprime tal realidade amorosa no viver (1Cor 13,1-3). A atuação do Espírito emerge como o experimentar do amor de Deus que nos leva, inexoravelmente, ao amor fraterno. A dinâmica atuante deste amor será fundamental para o discernir a respeito do que realmente significa vida em abundância (Jo 10,10) e, por consequência, o que verdadeiramente demonstra uma experiência pneumática autêntica.

Na abertura à experiência do Espírito Santo será possível possuir a força para se inserir no significado mais profundo da experiência da felicidade. Reconhecer o seu agir estabelece os fundamentos para retirar a palavra felicidade das prisões discursivas e restituí-la ao seu destinatário vital: o ser humano. A experiência da felicidade só pode ser afirmada na medida que se aceita que ela não está situada em determinações circunstanciais ou modelos socioeconômicos e religiosos, por mais refinados que nos pareçam. O ser feliz constitui a ressonância no viver pessoal daquilo que tem de mais real em sua humanidade. Por atingir o âmago do ser humano e daquilo que ele sonha, tal ressonância afeta as decisões e reverbera em sua estrutura mais íntima e fundamental. De tal forma que o ser humano se descobre feliz na medida que o dinamismo de sua vida está entrelaçado, mesmo que de maneira imperfeita, com o mistério de sua mais profunda realidade, conferindo sentido para o que vive e fincando suas raízes no interior de uma existência que ressoa no cerne de sua humanidade. O Espírito Santo é a força de Deus que orienta a humanidade para experimentar, a partir do coração da vida, o encontro com a felicidade que brota da relação amorosa e filial estabelecida com um Deus que seduz insistentemente o ser humano a viver o fascínio maravilhoso de estar aqui.

Conclusão

É preciso resistir ao discurso que acorrenta o ser feliz meramente ao campo do privado, do individual, do sentimental ou do econômico. Ser feliz inclui, necessariamente, o envolvimento na luta constante diante das diversas situações de tiranias sociais, religiosas e tantas outras injustiças que desfilam diante dos olhos... Relativizar essa realidade em prol de uma convivência social marcada pela aparência de uma tranquila e mórbida

normalidade, expressa por rostos sorridentes que escondem um profundo cansaço existencial, constitui não apenas uma traição ao núcleo mais fundamental da felicidade, mas uma traição ao seu aspecto pneumático mais genuíno.

No interior da existência proposta pela revelação cristã, a felicidade não se compreende como uma promessa para o além-túmulo ou um percurso individualista que ocorre à margem da vida. Ela é experimentada nos riscos assumidos ao se aventurar pelas veredas incertas dos encontros imprevistos que a vida apresenta. Não se esgota nas fórmulas prontas ou nas frágeis garantias que o ser humano insiste em reter. Ser feliz exige a coragem de abrir as cortinas do próprio mundo perante o mistério que de todos e toda se acerca, aceitando o risco de refazer os caminhos ao adentrar na dinâmica de um viver que, na medida em que desinstala, também ensina que a vida não está pronta, que a vida não está acabada, que a vida permanece constantemente aberta a novas leituras e releituras.

Entrevisto por dentre estas leituras e releituras, experimenta-se o dinamismo pneumático. Nas tessituras da humanidade mais singela e caótica vislumbra-se seu agir e seu apelo. Será ele quem conduzirá o ser humano pelos meandros de uma felicidade, sempre indireta, mas real, já que, pressentida de maneira implícita por entre os gestos mais humanos, qualifica cristologicamente o existir. Sintonizada ao Espírito, a humanidade esgarça-se para viver sua vocação humana mais pessoal, singular e íntima. A felicidade, fruto do dinamismo pneumático, aparece, assim, como o sopro suave de um vento capaz de mudar o rumo de uma vida inteira. Por isso permanece incerta. Por isso permanece humana. Por isso permanece divina.

Referências

BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para nosso tempo*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BÖHNKE, M. *O Espírito de Deus na ação humana: pneumatologia prática*. São Paulo: Paulinas, 2020.

BRUCKNER, P. *A Euforia Perpétua: ensaios sobre o dever de felicidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CODINA, V. *“Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19): iniciação à pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA DE PUEBLA. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CONGAR, Y. *“Ele é o Senhor da vida”*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CONGAR, Y. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DAMIÃO, S. *Teologia da Felicidade: deixar o amor curar o medo*. São Paulo: Loyola; PUC-Rio; Recife: Unicap, 2022.
- DE LA PEÑA, J. R. *El Don de Dios: antropología teológica especial*. Santander: Sal Terrae, 1991.
- DELUMEAU, J. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)*. Bauru: Edusc, 2003.
- FREIRE F. J. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.
- GESCHÉ, A. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- MANCINI, R. *Existência e Gratuidade: antropologia da partilha*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- MARIANI, C. M. C. B. Mística como crítica: do risco à liberdade. *Perspectiva Teológica*, v. 47, n. 131, p. 111-130, jan./abr. 2015.
- MARÍAS, J. *A Felicidade Humana*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- MACMAHON, D. M. *Felicidade: uma história*. São Paulo: Globo, 2006.
- MINOIS, G. *A Idade do Ouro: história da busca da Felicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MIRANDA, M. F. A experiência do Espírito Santo: abordagem teológica. *Perspectiva Teológica*, v. 30, n. 81, p. 161-181, mai./ago. 1998.
- MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MIRANDA, M. F. *O Deus escondido: a pertinência do cristianismo no mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- MÜHLEN, H. O evento Cristo como obra do Espírito Santo. In: FEINER, J.; LOHRER, M. (Orgs.). *Mysterium Salutis*. Compêndio de dogmática histórico-salvífica. O Evento Cristo, III/8. Petrópolis: Vozes, 1974.
- PANNENBERG, W. *Teologia Sistemática*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009. V. II.
- PAULO VI. *Exhortación Apostólica Gaudete in Domino*. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html. Acesso em: 28 de dezembro de 2023.
- RAHNER, K. *Escritos de Teologia*. Tomo IV. Madrid: Taurus ediciones, 1961.

RAHNER, K.; VORGRIMLER, H. *Petit dictionnaire de théologie catholique*. Paris: Éditions du Seil, 1969.

SANTANA, F. R. *Liturgia no Espírito: o culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2015.

STEARNS, P. N. *História da Felicidade*. São Paulo: Contexto, 2022.

Artigo submetido em 12.02.2024 e aprovado em 07.02.2025.

Sérgio Albuquerque Damião é doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Orcid.org/ 0000-0002-6810-4397. E-mail: sergio.albuquerque@unicap.br

Endereço: Rua Maestro Osvaldo Evaristo da Costa, 258, Apto. 302, Estados
58030-218 João Pessoa – PB

Editores: Franklin Alves Pereira e Márcia Eloi Rodrigues

